SESSÃO SOLENE DO CONGRESSO NACIONAL EM HOMENAGEM AO DIA DO ARQUITETO E URBANISTA E AO SEXTO ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DO CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO

15 DE DEZEMBRO DE 2017

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

A SRª PRESIDENTE (Erika Kokay. PT-DF) - Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a comemorar ao Dia Nacional do Arquiteto e Urbanista e o 6º aniversário do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil.
É uma alegria imensa receber no Congresso Nacional cada um e cada uma de vocês, para comemorar o dia daqueles que traduzem a alma de uma cidade e que dialogam com o imaginário e o coração das nossas ruas e das nossas praças.
Convido, com muita alegria, para compor a Mesa, o Sr. Haroldo Pinheiro Villar de Queiroz, Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *(Palmas.)*
Convido a Sra. Patrícia Luz de Macedo, Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Norte e Presidente do Fórum de Presidentes dos Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal. *(Palmas.)*
Convido o Sr. Cicero Alvarez, Presidente da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas e Secretário do Colegiado das Entidades Nacionais dos Arquitetos e Urbanistas. *(Palmas.)*
Composta a nossa Mesa, gostaria de convidar cada uma e cada um de vocês para que, na medida do possível, se coloquem em pé para entoarmos o Hino Nacional Brasileiro. *(É executado o Hino Nacional.)*

A SRª PRESIDENTE (Erika Kokay. PT-DF) - Convido ainda o Senador Hélio José para compor a nossa Mesa.
Passo, neste momento, a ler uma mensagem do Presidente do Congresso Nacional, Senador Eunício Oliveira, que não pôde estar aqui, mas se faz presente por meio das suas palavras:
É com satisfação que declaro aberta esta sessão solene, em comemoração ao Dia do Arquiteto e Urbanista e o sexto aniversário do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, em atendimento ao requerimento subscrito pelo ilustre Senador Valdir Raupp e pelo ilustre Deputado Joaquim Passarinho.
Esta é uma homenagem a uma das profissões mais antigas da humanidade, um ofício que se mescla à própria ideia de civilização, uma palavra que vem de *civitas*, em latim, que representava a primeira noção de cidade.
Somos cada vez mais ocupantes das *civitas*, das cidades: há 100 anos, apenas 10% da população mundial vivia em áreas urbanas; nos dias de hoje, mais da metade da humanidade está nas cidades; até 2050, seremos mais de 75% no ambiente urbano.
A cidade é o centro nervoso das trocas, do comércio, dos serviços. É o lugar onde há mais interação social e onde ferve o caldo cultural das nações. É a partir das grandes cidades que os países se interligam uns com os outros. Por isso, cada vez mais se faz necessária a atuação do arquiteto e urbanista na busca de soluções sustentáveis para as cidades, o que passa pela utilização racional de energia, mobilidade urbana, saneamento e abastecimento de água, sem falar nos direitos ao lazer e a um ambiente saudável.
As origens da Arquitetura, senhoras e senhores, datam do momento em que o ser humano começou a dominar técnicas de trabalho com pedras. Mais recentemente, no século I da Era Cristã, o arquiteto romano Marco Vitrúvio Polião já considerava essa arte como uma

ciência, capaz de beneficiar outras disciplinas, por implicar prática e teoria. Mas, desde a Idade Média, pode-se reconhecer a Arquitetura tanto nas artes liberais clássicas — Aritmética, Música, Geometria, Astronomia — como também nas artes mecânicas, isto é, aquelas que se destinavam, realmente, a prover com meios tecnológicos a moradia, as instalações industriais e a mobilidade urbana.

Aproveitamos esta oportunidade — homenagem aos arquitetos e urbanistas — para fazer o reconhecimento à Companhia de Jesus, que, graças ao seu senso de empreendedorismo, trouxe para o Brasil, em seu projeto de educação executado entre 1549 e 1759, não só o ensino de Lógica, Gramática e Retórica, mas também das então chamadas artes mecânicas, que incluíam a Arquitetura.

E os jesuítas trouxeram isso no ensino e também na prática, a ponto de uma certa arquitetura jesuítica haver sido reconhecida por Lúcio Costa, ainda na década de 1940, em aspecto fundamental para que fosse configurada a própria noção de barroco brasileiro. Seja em Viçosa, no Ceará; seja em Porto Seguro, Ilhéus ou Salvador, na Bahia; seja em São Vicente ou em São Paulo de Piratininga, São Paulo; seja em São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, essa presença se faz marcante, como testemunho da força da arte da Arquitetura. Não por acaso, são edifícios e conjuntos arquitetônicos reconhecidos como patrimônio histórico.

Foi graças a esse tipo de iniciativa, educativa e empreendedora, que chegamos à consolidação do ensino dessas artes, pois o ensino de Arquitetura no Brasil foi iniciado em 1856, com a assinatura do decreto de criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, por D. João VI. Criada durante o período da missão artística francesa ao país, tal escola refletia o pensamento recorrente nos séculos XVIII e XIX, em que o arquiteto era considerado um artista, razão pela qual o ensino dessa maestria está, no contexto da Escola Real, como uma das artes.

E quem será capaz de dizer que não é arte a Arquitetura? Do ponto de vista da afirmação profissional, foi no início do século XX que a organização dos arquitetos foi ganhando configuração mais específica, como resultado das grandes transformações urbanísticas e arquitetônicas ocorridas no País, particularmente na Capital da República, o Rio de Janeiro.

A grande transformação urbana da virada do século XX no Rio de Janeiro gera o primeiro movimento de arquitetos em torno dos interesses da profissão. Houve, inicialmente, a criação do Centro de Arquitetos e Construtores do Rio de Janeiro, em 1903; e, posteriormente, em 1920, como decorrência do I Congresso Pan-Americano de Arquitetos, em Montevidéu, originou-se a agremiação que viria a se transformar no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB).

Embora Arquitetura e Urbanismo tenham recebido uma regulamentação mais completa, pela Lei nº12.378, de 31 de dezembro de 2010, não estamos falando de nada novo, uma vez que a lei anterior, mais ampla, que incluía engenheiros e engenheiros-agrônomos, datava de 1966.

Com a norma de 2010, não somente a profissão de arquiteto e urbanista recebeu definições e atribuições mais refinadas, como, também, criou-se o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, em nível federal; e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal. Com essa providência, foi revista uma situação que favoreceu o exercício dessas nobres, antigas e valorosas profissões.

Com esse refinamento, o Registro de Responsabilidade Técnica — RRT ganhou mais força e gerou mais reconhecimento a arquitetos e urbanistas, além de, obviamente, resultar em maior poder aos conselhos de Arquitetura e Urbanismo —um poder que, obviamente, vem acompanhado de maior responsabilidade.

As glórias da Arquitetura e do Urbanismo são legendárias, remontando à História propriamente dita e também à mitologia, pois que sem mitos, sem narrativas, o próprio ser humano não tem como se afirmar: precisamos organizar o nosso discurso, primeiro; para, depois, organizarmos o planejamento espacial.

Mas não é o momento de nos estendermos aos jardins suspensos da Babilônia. Sejamos mais contemporâneos. Quero falar, então, da cidade modernista, um conceito em processo que vem se organizando desde 1928, quando, na Suíça, foram iniciados os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna — CIAM, em busca de uma Arquitetura considerada limpa, sintética, funcional e racional.

Da influência da Carta de Atenas — com mão e mentes criativas de Le Corbusier — veio essa reafirmação de se conceber a cidade como um organismo funcional e planejado de maneira central; uma urbanidade na qual as necessidades da pessoa humana devem estar claramente colocadas e resolvidas.
Ainda que haja controvérsias quanto ao resultado atual, Brasília, nossa magnífica capital, tem figurado como representante desse ideário, em que o arquiteto e urbanista Lúcio Costa nos legou o que é considerado como o mais avançado experimento urbano no mundo a ter aplicado integralmente todos os princípios da Carta de Atenas.
As escalas monumental, residencial, gregária e bucólica imaginadas por Lúcio Costa estão aí — 57 anos depois da inauguração de Brasília —, a dar um testemunho dessa poesia.
E, por coincidência, há 30 anos, em 7 de dezembro de 1987, Brasília se tornava Patrimônio Cultural da Humanidade, pela UNESCO, constituindo-se na primeira — e ainda única — cidade moderna com tal honraria.
Assim, dentro deste edifício do Congresso Nacional, estamos homenageando, todos os dias, os gênios de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, representantes maiores dessa categoria.
Entretanto, não é no excepcional, no monumental e único que reside a força dos arquitetos e urbanistas brasileiros. Tal é a potência dos arquitetos e urbanistas que, com a divisão dos conselhos, temos atualmente registrados no Conselho de Arquitetura e Urbanismo 143 mil profissionais habilitados a desenvolver e criar espaços adequados, sustentáveis, seguros e acessíveis às várias atividades que seus usuários realizam ao longo de suas vidas.
Além desse fabuloso número de profissionais, há em atividade18 mil empresas de arquitetura e urbanismo, refletindo uma atuação em todos os Municípios brasileiros.
Graças a essa presença, estamos conseguindo alcançar, com mais conforto, segurança e economicidade, o direito social à moradia, constante do art. 6º da Constituição Federal.
Assim, senhoras e senhores, o Congresso Nacional congratula-se com toda a categoria de arquitetos e urbanistas nesta merecida sessão solene, em que homenageamos também os 110 anos de nascimento de Oscar Niemeyer.
Que a categoria continue a reunir conhecimento e força de transformação, para que possamos alcançar cidades cada vez mais sustentáveis!
Muito obrigado.
É o que diz o Presidente do Congresso Nacional, Senador Eunício Oliveira. *(Palmas.)*

A SRª PRESIDENTE (Erika Kokay. PT-DF) - Convido para completar a nossa Mesa o Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal, Sr. Alberto Alves de Faria. *(Palmas.)*

A SRª PRESIDENTE (Deputada Erika Kokay. PT-DF) - Passarei imediatamente a palavra para o Sr. Presidente da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas. *(Pausa.)* Antes disso, seguindo o Regimento e as prevalências que são previstas nele, eu passo a palavra ao Senador Hélio José.

O SR. HÉLIO JOSÉ (PROS-DF). Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Senhoras e senhores, bom dia. Quero cumprimentar S.Exa. a Deputada Erika Kokay pela Presidência desta sessão, o Senador Valdir Raupp, solicitante desta sessão. Peço desculpa, inclusive, já que ele havia me pedido para presidir a sessão, e eu não pude. Graças, porque fui muito bem sucedido pela nossa Deputada Erika.
Estamos muito bem representados, porque o Congresso Nacional são duas Casas, Câmara e Senado, e para nós, do Senado, recebê-los aqui e ter como Presidente da sessão uma Deputada da estirpe e da qualidade da Deputada Erika Kokay só nos orgulha e nos enche de júbilo. Eu sou de Brasília, sou também o Coordenador da bancada do Distrito Federal, e a Deputada Erika é uma Deputada que colabora muito nas discussões, assim como o Deputado Rôney Nemer, que deve chegar.

Quero cumprimentar o Sr. Haroldo Pinheiro Villar de Queiroz, Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, dizendo: Presidente, parabéns por, em tão pouco tempo, o CAU e os arquitetos estarem tão bem organizados como se encontram hoje. Quero cumprimentar a Presidente do Fórum de Presidentes dos Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal, Srª Patrícia Luz de Macedo.
Parabéns, Patrícia! Que Deus te ilumine!
Cumprimento também o Presidente da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas, Sr. Cícero Alvarez, eo Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal, nosso amigo Alberto Alves de Faria.
Parabéns!
Cumprimento o Embaixador da República de Belarus, Sr. Aleksandr Tserkovksy — não sei se consegui pronunciar direito—, a Srª Presidente da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo, Srª Andréa Vilella, que se encontra aqui conosco; o Presidente da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura — ASBER, Sr. Edison Borges Lopes; o Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Sr. Nivaldo Vieira de Andrade Júnior, e as senhores e os senhores Presidentes e demais membros dos Conselhos de Arquitetura e Urbanismo estaduais.
Pessoal, sou engenheiro eletricista de formação na Universidade do Distrito Federal. Formei-me em 1982. Hoje, inclusive, está havendo eleição no CREA do Distrito Federal, que os colegas arquitetos, por muito tempo, compuseram.
Estamos numa discussão intensa nesta Casa e na outra Casa do Projeto de Lei nº 13, de 2013, para tornar carreira de Estado as engenharias e arquitetura também. Estamos discutindo também a importância da criação da Engenharia Geral da União — EGU, e, por que não, da Arquitetura?

No dia 11 de dezembro comemoramos o Dia do Engenheiro. Para nós, engenheiros, termos uma relação fraterna, boa, com os arquitetos, é fundamental, e acho que a criação do CAU contribuiu muito nessa questão. Por isso ressalto a importância desta sessão aqui. Eu mesmo, com milhares de ocupações, desvencilhei-me de uma delas e vim aqui rapidamente para fazer esta homenagem, porque eu não poderia deixar de estar aqui.
Esta sessão solene do Congresso Nacional de hoje, cujo objeto se desdobra em dois, pois comemoramos o Dia do Arquiteto e Urbanista e o sexto aniversário do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil — CAU, reveste-se de um significado especial para a bancada que representa o Distrito Federal, tanto que eu estou aqui, Senador por Brasília, titular de mandato até2 de fevereiro de 2019 e à disposição do CAU para apresentar no Senado os projetos que forem necessários para a área. E a nossa Deputada Erika Kokay está aqui também, nossa titular de mandato, Deputada Federal também até 2 de fevereiro de 2019. Não sei se nós vamos ser candidatos na próxima. Se formos, poderemos ficar mais tempo.
A existência de Brasília, um dos fatos mais marcantes da história cultural mundial do século XX, esteve sempre associada ao gênio de dois arquitetos, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, referências mundiais. E são dois arquitetos. Então, isso é muito importante para todos os colegas.
Como observou Clarice Lispector, os *dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil: eles ergueram o espanto inexplicável*. Para a brilhante escritora, a criação não é *uma compreensão, é um novo mistério*.
Pois a criação dos dois gênios da arquitetura modernista, esse novo mistério, transformou-os em grandes ícones da cultura moderna e contemporânea. A identidade de Brasília confunde-se, portanto, com o gênio arquitetônico responsável pela criação mais reconhecida da cultura brasileira do século passado.
Assim, meus amigos, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados e convidados, comemorando o Dia do Arquiteto, estamos a comemorar os grandes luminares da arquitetura brasileira, homens e mulheres que criam. Estamos a comemorar a grande

criação deles, a nossa cidade, a nossa Brasília. Por isso, a bancada de Brasília toda está mobilizada.

A Arquitetura e o Urbanismo no Brasil ganharam destaque mundial graças aos grandes feitos dos nossos arquitetos e das nossas arquitetas — estas últimas, muitas vezes, invisíveis ou secundarizadas.

Eu sou Analista de Infraestrutura. Sou um servidor público concursado. Muitas colegas arquitetas ou colegas arquitetos fazem parte da minha carreira, que é a carreira de Analista de Infraestrutura, que povoa os 15 Ministérios da infraestrutura nacional. De 960 colegas meus de carreira do Ministério das Cidades, mais de 50% são mulheres. Nós sabemos da importância cada vez maior da ocupação da mulher na política, no esporte, nos cargos, em todas as situações para ajudar o nosso País a funcionar melhor.

De acordo com o *Anuário de Arquitetura e Urbanismo,* em 2016, o número de arquitetos e urbanistas em atividade no Brasil chegou a 143.401, estando ativas mais de 20 mil empresas de Arquitetura e Urbanismo. Nesse mesmo ano, os arquitetos e urbanistas registraram 1,4 milhão de atividades por meio dos Registros de Responsabilidade Técnica (RRT).

Ora, Srª Presidente, estamos falando de uma área pujante da economia brasileira, com crescimento médio anual do mercado de trabalho de mais de 10%, em razão da formação propiciada por mais de 500 instituições de ensino superior de Arquitetura e Urbanismo de nosso País.

Assim como toda a área da construção civil, quiçá de todos os setores da economia nacional, a área de Arquitetura e Urbanismo sofreu as agruras da crise de 2014-2016, já reconhecida pelos especialistas como a pior crise da economia brasileira. A recuperação econômica, cujos primeiros sinais já se anunciam, deve ensejar conjuntura melhor para um setor de futuro muito alvissareiro.

O crescimento da área, nos anos recentes, se fez acompanhar da criação e do fortalecimento das instituições que regulam a profissão.

A história do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil e dos seus Conselhos Estaduais é muito recente, pois foram criados pela Lei nº 12.378, de 31 de dezembro de 2010, que regula o exercício da profissão no País.

Segundo essa Lei, eles têm a missão de *orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de arquitetura e urbanismo, zelar pela fiel observância dos princípios de ética e disciplina da classe em todo o território nacional, bem como pugnar pelo aperfeiçoamento do exercício da arquitetura e urbanismo*. Apesar de muito recente, a história do CAU/BR revela enorme amadurecimento político. A grande expectativa que rondou a sua criação era que o domínio da arquitetura e do urbanismo no Brasil pudesse oferecer uma contribuição própria, específica, não apenas para o setor, mas também para todo o Brasil.

Ao estabelecer interlocução política nas suas áreas de atuação, o CAU/BR credenciou-se, no Congresso Nacional, para debater, discutir e oferecer soluções para questões de forte interesse nacional.

Como observa o *Manual do Arquiteto e Urbanista:*

O Conselho possui uma forte atuação institucional e parlamentar, mantendo diálogo permanente com autoridades dos poderes Executivo e Legislativo, em defesa da Arquitetura e do Urbanismo e da qualificação das cidades brasileiras. Essa atuação pode ser observada nos debates públicos sobre Lei de Licitações, Planos Diretores das cidades, leis de zoneamento e programas habitacionais — sempre na batuta e no comando dos colegas arquitetos.

Com efeito, somos testemunhas dessa intensa participação, aqui no Congresso Nacional, do CAU/BR no debate, na discussão, na busca de soluções tecnicamente qualificadas, contribuindo positivamente para o aprimoramento da produção legislativa na sua área de atuação.

Então, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, Srs. convidados, deixo registrados meus agradecimentos aos arquitetos e urbanistas, bem como ao CAU/BR, pela inestimável contribuição que puderam oferecer para a construção de um País melhor, um País mais

justo, um País mais ético.
Acabei de ser o Relator da CPI da Previdência. Comprovei por A mais B que o Governo mente, falta com a verdade e engana o povo brasileiro. Nós somos um País maravilhoso. Temos tudo para poder fazer tanta coisa diferente! Está aí a arquitetura, que não nos deixa mentir. A nossa arquitetura é pujante, seja ela antiga, seja ela moderna. Ela é maravilhosa! Então, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, deixo registrados meus agradecimentos aos arquitetos e urbanistas, bem como ao CAU/BR, pela inestimável contribuição que puderam oferecer para a construção de um País melhor, mais justo e mais ético.
Quero dizer aos senhores, como engenheiro, como amigo, como colega, como Presidente da Frente Parlamentar Mista da Infraestrutura, que estou pronto e à disposição para colaborar e ajudar no Congresso Nacional, para todas as suas causas. Muito obrigado. Um forte abraço. Contem comigo! *(Palmas.)*

A SRª PRESIDENTE (Erika Kokay. PT-DF) - Eu gostaria de agradecer a presença aos estudantes do Curso Técnico em Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, *campus* de Uberaba, Minas Gerais. É um prazer tê-los aqui. Sejam muito bem-vindos e bem-vindas nesta sessão em homenagem aos arquitetos e urbanistas do nosso Brasil. *(Palmas.)*

A SRª PRESIDENTA (Erika Kokay. PT-DF) - Tem a palavra o Deputado Hélio José.

O SR. HÉLIO JOSÉ (PROS-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Posso ser Deputado no ano que vem, porque sou pré-candidato, pelo meu partido, a Deputado, mas eu sou Senador ainda.

A SRª PRESIDENTA (Erika Kokay. PT-DF) - Senador Hélio José! Desculpe-me, Senador.

O SR. HÉLIO JOSÉ - Nobre Deputada, desculpe-me, mas hoje é a confraternização do meu gabinete, além de todos os outros afazeres. Eu vou ter que sair. Peço mil desculpas a vocês. Eu me coloco totalmente à disposição de vocês no meu gabinete. Muito obrigado, um forte abraço. Peço desculpas, Deputada Erika Kokay. Obrigado.

A SRª PRESIDENTA (Erika Kokay. PT-DF) - É um prazer tê-lo aqui, Senador.

A SRª PRESIDENTA (Erika Kokay. PT-DF) - Dando continuidade à nossa sessão solene, concedo a palavra ao Sr. Cicero Alvarez, Presidente da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas — FNA. *(Palmas.)*

O SR. CICERO ALVAREZ - Bom dia a todos!
Eu gostaria de saudar o Senador Hélio José, a Deputada Erika Kokay, o Presidente Haroldo Pinheiro Villar de Queiroz e a Presidente Patricia Silva Luz de Macedo e, em nome deles, todos os Presidentes dos CAU/UF.
Gostaria de saudar também todos os Conselheiros Federais e Estaduais que estão presentes e os Presidentes das entidades nacionais, o Nivaldo Andrade, a Andrea, a Nina,

o Edson, o João Carlos, que representam o Instituto de Arquitetos do Brasil — IAB, a Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas — FNA, a Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo — ABEA, a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas — ABAP e a Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura e Urbanismo — ASBEA porque, na verdade, nós temos que lembrar que nós somos arquitetos e urbanistas. E, neste dia, depois de muito tempo, depois de mais de 50 anos de luta, em que nós podemos comemorar o nosso dia, é fundamental que esta Casa e que este País entendam o nosso papel. É fundamental que a nossa luta não fique restrita a um grupo pequeno, até porque ela é uma luta de toda a sociedade.

A maioria das cidades brasileiras, mais da metade, não tem arquitetos e urbanistas nos seus quadros. Várias leis que esta Casa aprova não contam com o nosso ponto de vista, ou com a nossa avaliação, ou ainda com a nossa opinião, o que para este País é bastante complicado.

Nós vivemos um momento tumultuado na história — mais um. O Brasil parece que se move em ciclos, e esses ciclos, infelizmente, se repetem de uma forma que dói, e normalmente dói nos mais pobres.

Mas este é um dia para nós nos lembrarmos da luta, é um dia para nós nos lembrarmos tanto do arquiteto de renome, quanto do arquiteto anônimo, de todos os que constroem este País. É o dia de celebrarmos os arquitetos e urbanistas. É o dia de celebrarmos esta luta e é o dia de lembrarmos tudo o que ainda temos pela frente para a construção de um País melhor.

É fundamental que todos nós, os que estão aqui, os que estão em casa, os que estão no escritório trabalhando, tenhamos consciência da importância da nossa participação por uma sociedade brasileira melhor e mais justa. Que todos nós trabalhemos para isso, independentemente de instituição, independentemente de partido, independentemente de crença independentemente de qualquer coisa! Nós temos que construir um país melhor para todos, sem os ciclos que parecem jogar tudo para o ar e que nos fazem recomeçar do zero. Nós temos que avançar.

Eu gostaria, nesses tempos em que vivemos e que viveremos, de voltar a ter mais do que esperança, de voltar a ter a força que nós já tivemos nos tempos citados aqui, tanto do Lúcio, quanto do Oscar, tempos em que, de certa maneira, com o CAU nós pudemos articular. Eu gostaria, então, para encerrar, de agradecer imensamente o trabalho do Presidente Haroldo à frente do CAU; de agradecera todos os conselheiros e a todos os presidentes. Eu não poderia me furtar de agradecer à Deputada Erika Kokay, que, em alguns momentos de luta dos arquitetos e urbanistas deste País, acompanhou, defendeu e lutou profundamente pela nossa profissão. Então, a todos o muito obrigado do Colégio Brasileiro de Arquitetos e do Colegiado das Entidades Nacionais de Arquitetura e Urbanismo, que integra o CAU. Muito obrigado. *(Palmas.)*

A SRª PRESIDENTE (Erika Kokay. PT-DF) - Parabenizo o Sr. Cicero Alvarez e lhe agradeço imensamente pelas palavras.

A SRª PRESIDENTE (Erika Kokay. PT-DF) - Passo a palavra à Presidenta do Fórum de Presidentes e Presidentas do Conselho de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal, a Sra. Patrícia Luz de Macedo. *(Palmas.)*

A SRª PATRÍCIA LUZ DE MACEDO - Exma. Sra. Deputada Federal Erika Kokay, na pessoa de quem peço permissão para saudar todos os Parlamentares do Senado Federal e da Câmara dos Deputados; Exmo. Sr. Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, na pessoa de quem peço permissão para saudar todos os meus colegas aqui presentes; meus senhores e minhas senhoras, na qualidade de representante dos

Presidentes dos Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados brasileiros, sinto-me feliz de participar, aqui nesta Casa parlamentar, da homenagem aos colegas pela passagem do Dia Nacional do Arquiteto e Urbanista.

Em primeiro lugar, agradeço a instituição deste Dia Nacional, que coincide com a data natalícia do arquiteto e urbanista brasileiro Oscar Niemeyer, ao projeto de lei de autoria do Deputado Luiz Carlos Busato e que teve a relatoria da Senadora Fátima Bezerra. Aqui estamos para prestar justa e merecida homenagem a todos os arquitetos e urbanistas do Brasil. Assim sendo, não posso também deixar de registrar a minha satisfação pessoal e, com certeza, a de todos os colegas, pelo ato de criar e realizar projetos com planejamento, segurança, economia, valorização e conforto. As palavras da canção do músico Toquinho: *E com um simples compasso eu faço o mundo*, bem traduzem o ofício que nós escolhemos, a arte de criar: criar a praça, a rua, a casa; criar e recriar a cidade. E, para que isso aconteça, rimamos beleza e funcionalidade em um só verso. É como projetamos a cidade, lugar e berço da arquitetura que se faz presente em todos os seus cantos e sob formas variadas.

É urgente o resgate do planejamento urbano como ferramenta essencial para nortear um futuro sustentável para as cidades. E o Fórum de Presidentes se declara comprometido em cooperar com os Municípios em prol da nova agenda urbana e manter um diálogo com os gestores municipais, na perspectiva de contribuir com o planejamento e a gestão do território urbano, mostrando os caminhos que podem ser trilhados para que as cidades tenham acesso aos serviços de arquitetos e urbanistas. Para dar certo, contrate um arquiteto. Reafirmo, com orgulho, que nós arquitetos e urbanistas escolhemos uma profissão não só bela, mas também necessária e importante para a qualidade de vida das pessoas e das cidades. Trata-se do exercício de um ofício bem antigo e que, agora, está sob os cuidados de um jovem conselho, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil — CAU, criado através da Lei nº 12.378, de 2010. Com essas breves palavras, posso afirmar que o CAU surgiu para defender e valorizar o nobre exercício da profissão do arquiteto e urbanista, disciplinando a sua carreira, em benefício da sociedade brasileira.

Para todos os passos que agora damos profissionalmente existe por trás o Conselho de Arquitetura e Urbanismo — CAU a atuar da forma mais eficiente, transparente e democrática, lançando mão de instrumentais modernos e eficazes para a valorização e o prestígio da nossa classe.

Ao lado do CAU, caminham todas as entidades de arquitetura e urbanismo, representadas através do CEAU — Colegiado Permanente das Entidades Nacionais dos Arquitetos e Urbanistas, que igualmente somam esforços e contribuem para um exercício profissional de relevância nacional.

Quanto ao fato de estarmos nesta Casa, o Senado Federal, que tem como dever tornar o País uma República justa e democrática, deixo aqui o grande exemplo que o CAU tomou para si, como ponto de honra: tornar o Conselho possível em todo o território nacional, criando um fundo financeiro de apoio aos Estados que não teriam condições orçamentárias e financeiras para se manterem. Pois bem, esse é o exemplo mais democrático e republicano que o CAU pode deixar como legado para a profissão e para a sociedade brasileira.

Sintam-se, por fim, todos abraçados. E que possamos, a exemplo do arquiteto e urbanista Oscar Niemeyer, e com as bênçãos de Deus, levar sempre adiante a construção dessa profissão que trabalha com a realização de arquitetura e urbanismo para todos. Viva Oscar Niemeyer! Viva o arquiteto e urbanista! Muito obrigada. *(Palmas.)*

A SRª PRESIDENTE (Erika Kokay. PT-DF) - Quero agradecer as palavras à Sra. Patrícia Luz de Macedo, às quais só me cabe fazer eco: viva Oscar Niemeyer! Vivam os arquitetos e urbanistas deste País! *(Palmas.)*

SRª PRESIDENTE (Erika Kokay. PT-DF) - Passo a palavra ao Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal, o Sr. Alberto Alves de Faria.

O SR. ALBERTO ALVES DE FARIA - Bom dia a todos os colegas e aos conselheiros e conselheiras, Presidentes e Presidentas de Conselhos.
Quero cumprimentar também a Deputada Federal Erika Kokay, companheira das nossas organizações aqui em Brasília, do Sindicato dos Arquitetos, do Instituto de Arquitetos e do CAU, na defesa intransigente das questões da cidade.
Quero registrar aqui também o cumprimento ao Senador Hélio José, que tem realmente apoiado a perspectiva de criação da carreira única da profissão e a discussão da valorização da engenharia e da arquitetura, no âmbito do Governo Federal, da estrutura pública do Governo Federal.
Quero cumprimentar o Cicero Alvarez, Presidente da FNA, e a Patrícia Luz, nossa colega Presidente do Fórum, pela presença e pela participação cada vez maior que nós estamos tendo das mulheres no Conselho do Distrito Federal.
Quero cumprimentar, por fim, meu amigo Haroldo Pinheiro, pela Presidência do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Ele é Conselheiro Titular no Distrito Federal, a quem eu acho que vão ser pequenas as homenagens e as lembranças que vamos fazer, para registrar, na pessoa do Haroldo, o trabalho de um grupo de colegas pioneiros. Esse grupo se dedicou, abrindo mão da sua profissão, abrindo mão, muitas vezes, da sua vida pessoal, à implantação do projeto de um Conselho, uma organização que não existia, uma organização que se precisou fazer, que não quis copiar o que existia, que quis inventar e que, para isso, se utilizou da nossa condição profissional, do nosso treino profissional, que éo treino do arquiteto: transformar sonhos em realidade. Foi a isso que todos se dispuseram, para criar uma organização que pudesse valorizar a profissão, fazer com que a profissão fosse conhecida, respeitada e cada vez mais consolidada no País.
Certamente, Haroldo, eu precisaria de muito mais tempo para destacar o seu papel, destacar também o papel dos colegas pioneiros — eu estou vendo vários aqui e não vou ter tempo de citar todos. Mas eu quero, de público, agradecer a você a qualidade do trabalho e a dedicação de todos, dos conselheiros, dos empregados do Conselho, dos Presidentes, de todos aqueles que se dedicam a fazer com que esse Conselho seja, de fato, reconhecido e a nossa profissão tenha uma valorização cada vez maior.
Esta sessão solene, extremamente importante, pelas datas todas que já foram elencadas aqui e pelas efemérides todas, necessárias, coincide também com o encerramento de um ciclo, que é sempre um período de renovação. E, nesses períodos de renovação, nós sempre podemos olhar aquilo que queríamos fazer, aquele que era o nosso sonho, e comparar com o que fizemos. A sensação sempre é a de que podemos ter feito bem menos do que aquilo que nós queríamos, bem menos do que aquilo que os nossos colegas precisam, bem menos do que o País precisa.
Eu acho que existem várias conquistas, e elas precisam ser reconhecidas. Esta sessão solene é uma forma de reconhecer isso. A presença do Conselho de Arquitetura instalado em todos os Estados e no Distrito Federal, como decisão política da profissão de se fazer representar com qualidade, no mesmo nível, trouxe várias possibilidades de valorização da nossa profissão e nos impôs o desafio de criarmos as ferramentas necessárias para construir esse desafio, ferramentas que não existiam.
Temos aqui a colega Mirna, que foi uma das pioneiras dessa ideia, desse projeto. Para mim, é muito importante reconhecer que o projeto, que é a ferramenta do arquiteto para transformar a realidade possibilitou que criássemos também a nossa organização.
Certamente, temos ainda várias dificuldades a superar, mas hoje tivemos, aqui no Distrito Federal, o lançamento de um concurso internacional para discutir um plano diretor para a orla do Lago, patrimônio público da cidade. É um concurso internacional com a presença de um Secretário de Estado oriundo das nossas organizações, um Presidente da Companhia de Desenvolvimento Habitacional que vem fazendo um trabalho maravilhoso, o Gilson

Paranhos, mostrando como nós arquitetos podemos fazer, propor e implementar uma política de Estado, uma Política com P maiúsculo para a habitação, transformando as condições que nós temos.
Então, eu quero encerrar dizendo que o que nós arquitetos temos de forte é o nosso trabalho, é a nossa capacidade de transformar a realidade, deixando como legado uma arquitetura e um urbanismo para todos.
Muito obrigado. *(Palmas.)*

A SRª PRESIDENTE (Erika Kokay. PT-DF) - Gostaria de parabenizar o Sr. Alberto Alves de Farias.

A SRª PRESIDENTE (Erika Kokay. PT-DF) - Convido o arquiteto Rôney Nemer, que é Deputado Federal pelo Distrito Federal, para compor a Mesa. *(Palmas.)*
Agradeço a presença ao Embaixador da República de Belarus, Sr. Aleksandr Tserkovsky; à Presidenta da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo, Sra. Andréa Vilela; ao Presidente da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura, Sr. Edson Borges Lopes; e ao Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Sr. Nivaldo Vieira de Andrade Júnior. É um prazer, uma alegria e uma honra tê-los aqui.
É com grande alegria que passo a palavra ao Sr. Haroldo Pinheiro Villar de Queiroz, Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *(Palmas.)*

O SR. HAROLDO PINHEIRO VILLAR DE QUEIROZ - Sra. Presidente desta sessão, Deputada Erika Kokay, é uma honra elevada tê-la presidindo esta sessão solene em homenagem aos arquitetos e urbanistas brasileiros.
Cumprimento o meu colega Rôney Nemer, que acabar de chegar, companheiro que nos tem auxiliado muito em nossas tarefas nas duas Casas Legislativas.
Cumprimento os colegas da Mesa, a quem eu agradeço as manifestações generosas feitas à equipe que eu coordenei nesses 6 anos de fundação do nosso Conselho.
Cumprimento meus amigos e minhas amigas, colegas, Presidentes Estaduais, Conselheiros Estaduais e Federais aqui presentes.
Para mim, é um momento muito emocionante poder estar ombreado aqui com todos nesta homenagem que recebemos do Congresso Nacional pela passagem do nosso dia. E os amigos funcionários, companheiros do dia a dia, nas tarefas de dar consequência às decisões do Conselho, meu muito obrigado também. É bom estar com vocês aqui nesta data.
Desde o primeiro aniversário do CAU, nós temos recebido essa homenagem do Congresso Nacional, às vezes na Câmara, às vezes aqui no Senado. Para mim, esta é a Casa natural para comemorarmos a cada ano e lembrarmos o processo que levou à criação do CAU, desde as suas origens, como já foi dito aqui. Foram tantas décadas de luta, tantos colegas que nós muito admiramos e que nos orientaram nesse trabalho, e fomos pegando o bastão para levar adiante nesses últimos 20 anos.
Desde 1997, nós caminhamos muito por esses corredores do Congresso Nacional, na Câmara e no Senado, particularmente no Salão Verde e no Salão Azul, defendendo a intenção de termos um conselho independente para a arquitetura e o urbanismo no Brasil, assim como já ocorria no resto do mundo. Aqui no Brasil tínhamos um atraso já grande, que quitamos agora. E estamos tentando recuperar esse passivo.
Eu me recordo bem do dia 12 de maio de 2004, quando foi realizada, aqui no Senado Federal, a primeira audiência pública já para a discussão do projeto de lei que criaria o nosso Conselho de Arquitetura e Urbanismo.
Na época, eu era Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil e tive a honra — mais uma das tantas que eu recebi dos meus colegas — de, ao lado colega Jaime Lerner, defender a

proposta de lei que apresentávamos ao Congresso Nacional. Dali em diante, tivemos que aprovar essa proposta duas vezes. Na primeira, os colegas se lembram, houve a alegação do vício de origem, mas já com o compromisso de se reencaminhar outra proposta de igual teor, partindo do Poder Executivo, já que a primeira havia partido aqui do Poder Legislativo. Cumprimos a regra do jogo, como tem que ser, e mais uma vez alguns quilômetros de caminhada aqui no Congresso Nacional, para finalmente termos a nossa lei aprovada. Neste plenário, na última votação realizada no Congresso Nacional, lembro-me de estar sentado ali naquela galeria lateral, quando, em 1 minuto e meio, resumiram-se 50 anos da nossa luta. Foi uma aprovação muito rápida, ocorrida numa sessão presidida pelo Senador José Sarney. Muito rapidamente também, no Palácio do Planalto, a lei foi assinada pelo Presidente Lula, antes de deixar o seu segundo mandato.

É uma história longa que, para mim, passa de modo vertiginoso. E, além de tudo o que foi dito pelos colegas hoje, ainda teremos muitas discussões sobre esse assunto, preparando o futuro, não para enaltecer alguém, porque é um trabalho contínuo, e sempre temos algo a melhorar, a aperfeiçoar, mas para reconhecer os esforços de tantas pessoas que trabalharam para a aprovação dessa lei: mais de 600 nesta primeira gestão, mais de 700 na segunda e, agora, outro grupo de mais de 700 arquitetos que, no Brasil inteiro, assume a condução do Conselho que nós criamos porque nós quisemos, porque nós lutamos por ele.

Creio que me cabe aqui apenas agradecer ao Congresso Nacional por esta homenagem que nos presta, Deputado Rôney, e destacar a nossa determinação, que vem sendo marcada ano a ano, não só nesta comemoração, mas também no início do ano, nos meses de fevereiro, março, abril e maio, na realização dos seminários que costumamos realizar na Câmara para discutir as questões legislativas.

Reconhecemos que é nesta Casa, no Congresso Nacional, que as grandes decisões da Nação são tomadas e que nós temos obrigação de estar aqui permanentemente, autorizados pelos arquitetos, a cada ano, nesses seminários legislativos, defendendo as teses dos nossos profissionais, autorizados por eles, repito, em discussões públicas, abertas, como tudo o que fazemos, para, ao longo do ano, cumprir a agenda que é determinada sempre nesses seminários legislativos.

Portanto, a nossa presença aqui tem sido constante, como não poderia deixar de ser, para assessorar os nossos Congressistas, os nossos Parlamentares, tentando fazer aproximar deles o entendimento que nós temos de cidades mais justas, mais fraternas, mais corretas, mais agradáveis, mais bonitas.

Para isso, nós temos que permanecer — e vou destacar apenas uma dessas lutas — à frente da batalha na discussão da Lei de Licitações. Creio que a Lei de Licitações e Contratos é um dos instrumentos fundamentais na condução das Prefeituras, dos Governos Estaduais, do Governo do País e tem uma implicação formidável na organização das cidades, haja vista tudo o que nós apresentamos nas discussões aqui feitas, seja por escrito, em Power Point, seja em matérias de jornal, em anúncios publicados em jornal, demonstrando a necessidade de termos uma Lei de Licitações para projetos e obras públicas que respeite determinados princípios, que, para nós, estão claros, mas que, por algum estranho motivo, não chegam a ser tão claros para outros. Precisamos, então, tentar esclarecê-los e trabalhar cotidianamente para isso.

Acho que esta é a mãe de todas as lutas, de todas as discussões que nós temos aqui no Congresso Nacional em cima das questões do ensino, do exercício profissional, da política urbana, enfim, de todas as políticas públicas. É uma discussão que não pode ser relegada a segundo plano. Ela é fundamental e está diretamente ligada à qualidade dos espaços públicos do nosso País.

Estou indo um pouco além do que eu deveria, já que me caberia aqui agradecer, em nome dos arquitetos, a generosidade da homenagem ao Congresso Nacional. Paro por aqui, agradecendo a todos. Como estou deixando, nos próximos dias, a linha de frente desse trabalho de construção de uma profissão mais digna, mais respeitada, mais acessível à população em todos os seus âmbitos, sem distinção, cabe a mim agradecer ao Congresso.

Mas, acima de tudo, quero agradecer aos colegas que se dispuseram a atuar juntos, fraternalmente, nessa soma de metas que tentamos representar ao falar aqui no Congresso e em todas as oportunidades ou exigências que a vida nos apresenta. Deixo o meu muito obrigado a todos e a minha homenagem especial a todos os arquitetos e urbanistas brasileiros e colegas.
Muito obrigado a todos pela honra que me concederam. *(Palmas.) (O Plenário, de pé, aplaude demoradamente.)*

O SR. PRESIDENTE (Rôney Nemer. Bloco/PP-DF) - Realmente é meritória esta homenagem.
Assumo a Presidência da sessão, no lugar da Deputada Erika Kokay, para dizer ao Presidente Haroldo que a emoção faz parte porque ele tem uma história de luta que vem de hámuito tempo, assim como todos os senhores e as senhoras têm. Essa luta não é de agora. Ela existe há muito tempo.
Na hora em que eu for falar, darei prosseguimento a esse assunto. Eu gostaria de registrar que isso é muito importante, e nós ficamos muito felizes. Isso é reconhecimento, Haroldo. Essas palmas, com todos de pé, são o fruto da sua semeadura. Você colhe aquilo que você planta. E você planta respeito, trabalho, carinho, atenção, seriedade. É disso que precisamos. Precisamos desse tipo de pessoa na nossa profissão, que não é diferente das demais. Precisamos disso. Parabéns!

O SR. PRESIDENTE (Rôney Nemer. Bloco/PP-DF) - Concedo a palavra à Deputada Erika Kokay.

A SRª. ERIKA KOKAY (PT-DF. Pronuncia o seguinte discurso.) - Sr. Presidente, eu queria parabenizar os autores do requerimento para realização desta sessão solene, porque nos possibilitam lidar com arquitetos e urbanistas, que são tão importantes para a construção da nossa felicidade.
Aproveito este momento para dizer ao Haroldo Pinheiro que o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, órgão que ele fundou e de cuja gestão se despede, é de grande importância para dar visibilidade aos arquitetos, para fazer esse recorte, uma vez que os arquitetos não podem ser representados pelos engenheiros, porque fazem atividades completamente diferentes. Os arquitetos têm seu próprio corpo.
Lembro o Cícero, que lutava muito para que nós tivéssemos na Caixa Econômica Federal — e sou empregada da Caixa — mais arquitetos. A Caixa tinha a teimosia de convocar engenheiros, e não arquitetos. E nós perguntávamos: *Mas quem é que entende da cidade?* Trata-se de uma empresa que é a maior articuladora de políticas públicas de todo o Brasil, uma empresa que lida com as cidades e que organiza a moradia, que é a construção da própria cidadania. E a moradia não é apenas a casa; a moradia está inserida em um espaço, em um território que é pensado e planejado pelos arquitetos e urbanistas na construção de cidades, para que nós tenhamos o direito à cidade.
Penso que nós temos direitos que são muito contemporâneos e direitos que não estavam tão delineados há algum tempo: o direito de ser, o direito de amar e o direito à cidade. E o direito à cidade, a um chão, a um território assegura o direito de ser e o direito de amar de uma população.
Portanto, nós estamos falando dos profissionais que lidam com a construção dos espaços, a construção de uma cidade, e que lidam não apenas com a moradia enquanto obra concreta, mas também com a moradia enquanto direito fundamental e constitucional. Nesse sentido, ela se se interliga e se engancha com outros direitos: o direito de se movimentar, o direito à educação, o direito à saúde e tantos outros direitos que o ser humano tem, posto

que nós temos a característica de ter os direitos inter-relacionados, universalizados. Ao mesmo tempo, a humanidade só se reconhece na liberdade com o outro. Quando nós dizemos que a nossa humanidade só se reconhece com o outro, nós estamos falando que a construção dos espaços públicos é coisa de arquitetos e urbanistas. Que nos espaços com o outro, com a alteridade, nós possamos definir as nossas identidades, o direito de ser, e ao mesmo tempo que possamos, com o outro, exercer o direito de amar. Portanto, nós estamos falando de quem constrói e planeja uma cidade e que, por isso, tem um contato direto com a alma da cidade. Arquitetos e urbanistas lidam com o imaginário, lidam com símbolos e lidam com essa construção que tem uma centralidade: o ser humano. A centralidade não é a obra.

Por isso é que eu dizia ao Haroldo que não existe arquiteto anônimo. Ele está ali, ele está ali na construção dos espaços, ele está ali na construção de uma cidade. Nós temos a compreensão da importância da construção do Conselho e do trabalho que o Haroldo fez e do qual hoje se despede. Aliás, ele não se despede, não! Não se despede. Ele sai do Conselho, mas continua todas as vezes em que se fala sobre o direito à cidade e sobre a construção de uma cidade que harmonize o conjunto dos direitos do ser humano para que nós possamos reafirmar a nossa humanidade, que, como se disse, se constrói na liberdade.

Como é possível pensar uma liberdade sem se pensar o espaço que se constrói, o espaço que seria de todos e de todas, os espaços urbanos?

Digo isso porque nós estamos aqui no Distrito Federal, e Brasília foi construída de forma diferente de outras cidades. Sabem por quê? Porque surgiu das mãos de arquitetos e de urbanistas. A maior parte das cidades brasileiras foram construídas em grande medida como extensão das propriedades. Por muito tempo, os donos das propriedades também se sentiam donos das cidades, neste País que não fez o luto do colonialismo e no qual o dono da terra também se sentia dono dos trabalhadores, das mulheres, das crianças. Nós estamos aqui em uma cidade que foi construída como fruto de um projeto nacional e que trouxe brasileiros e brasileiras de todos os cantos do País para transformarem o barro vermelho no traço mágico de Lucio Costa. Lucio Costa está presente todas as vezes que nós pisamos, que nós andamos, todas as vezes que reconhecemos as escalas: a escala bucólica, a escala monumental, a escala gregária. Enfim, quando nós reconhecemos as escalas residenciais, as escalas que fazem parte do Distrito Federal.

Dizem que Michelangelo, quando terminou a estátua de Moisés, disse para a sua obra: *Parla, parla!.* Foi como se o mármore pudesse falar. Eu tenho a impressão de que Lucio Costa,ao ver construída Brasília, deve ter-lhe dito: *Voa, voa!* Mas não é o voo de um avião. Lucio Costa dizia que Brasília não é avião; Brasília é uma borboleta, porque tem a leveza de uma borboleta e é fruto de uma metamorfose, como é a borboleta, feita pelas mãos de um urbanista, pelas mãos de arquitetos, pelas mãos de Oscar Niemeyer e de Lucio Costa.

Lucio Costa dizia: *Ah, a cidade, ela tem que ser funcional, mas ela tem que ser lúdica.* Perdoem-me os engenheiros, mas imaginem se eles iriam pensar que os prédios teriam que ter seis andares para que as mães pudessem escutar a voz dos seus filhos, o chamado dos seus filhos quando esses estivessem nos espaços públicos, nos espaços em que o céu é o limite.

Isto é Brasília! Aqui o céu é o limite! Aqui nós deparamos a todo o tempo com o horizonte e percebemos como somos ilimitados. Aqui a cidade não está impedida de ser vista, porque ela tem pilotis.

Quando nós estamos aqui comemorando o Dia do Arquiteto e do Urbanista, lembrando o nascimento de Oscar Niemeyer e comemorando a existência do próprio Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, nós também estamos comemorando os profissionais que todos os dias fazem o luto das casas grandes e senzalas, porque todos os dias pensam coletivamente os espaços urbanos para que nós possamos ser felizes. Portanto, esses são profissionais que usam a régua e o compasso para construir a

felicidade. São a régua e o compasso da música de Toquinho, da música de Gilberto Gil, da música de Djavan e de tantos outros poetas. Têm um que de poesia! Tem um que de poesia a construção dos espaços em que se dialoga com a nossa humanidade, com o coração pulsante, com o imaginário de uma cidade.
Portanto, se queremos construir o direito à cidade que possibilite o direito de amar e o direito de ser, chamemos os arquitetos e urbanistas, porque eles têm a régua e o compasso e têm uma profissão e o caráter técnico para transformar em espaços a nossa própria felicidade. Por isso, a minha alegria grande de estar aqui.
Haroldo, você sai do Conselho, mas todas e todos sabemos que você não vai sair de fato, porque vamos puxá-lo. Você sai do Conselho, mas o Conselho não sairá de dentro de você. E você não sai de dentro do nosso respeito e da nossa admiração.
Parabéns para os arquitetos e urbanistas do nosso Brasil! *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Rôney Nemer. Bloco/PP-DF) - Agradecemos as palavras da Deputada Erika Kokay.

O SR. PRESIDENTE (Rôney Nemer. Bloco/PP-DF) - Eu gostaria de me apresentar. Meu nome é Rôney Nemer. Eu estou Deputado Federal, mas sou arquiteto e urbanista, servidor concursado do Governo do Distrito Federal, exatamente na área de obras.
Quero falar sobre os motivos da emoção do Haroldo. Aqui, no dia a dia, cuidamos de várias profissões. E uma categoria profissional me procurou para montar um Conselho. Eles também queriam ter o seu Conselho. Fomos conversar com o Haroldo, que nos contou como foi toda a odisseia para criar o Conselho de Arquitetura e Urbanismo — CAU.
Quando cheguei aqui hoje e o ouvi falar dessa emoção, eu me lembrei de que foi uma luta muito grande. Sempre apareciam alguns problemas que emperravam o processo. Às vezes, aquela pessoa que você acha que vai ajudar na hora não ajuda. E uma coisa que está acertada para ser votada no Congresso ora acontece, ora não acontece. E ficamos muito preocupados com isso.
Eu vi o Haroldo contando para esse pessoal que achou que era simples chegar lá e falar que já estão trabalhando há 6 meses. O Haroldo disse: *Jesus amado, o trabalho é muito maior e muito mais demorado!* O ideal seria que não fosse.
Então, quando a Deputada disse que o Haroldo está saindo, ele está saindo proforma, é uma realidade. Mas faz parte da sua vida, porque desde que eu o conheci, quando era estudante de Arquitetura e Urbanismo na UnB, ele sempre teve essa lida como profissional, como defensor da classe.
O Alberto, uma pessoa por quem temos todo o carinho e apreço, também vai deixar o CAU.
Eu me considero mais urbanista que arquiteto, porque desde que me formei trabalhei projetando cidades no Distrito Federal. Implantamos nove cidades, erradicando invasões aqui no Distrito Federal. Então, nunca trabalhei só na arquitetura, trabalhei mais na área de urbanismo.
Eu queria cumprimentar todos os colegas desta Mesa — o Haroldo, o Alberto, a Patrícia Luz de Macedo e o Cicero Alvarez — e dizer que gostaria que um dia nós conseguíssemos a respeitabilidade que merecemos, pela importância que nós temos, não só por tudo isso que a Deputada Erika disse aqui, mas porque a qualidade de vida de todas as famílias, de todas as pessoas, de todos os seres humanos influi diretamente na felicidade de todos. E a qualidade de vida de todos passa pelas nossas mãos, quando projetamos os espaços públicos. Mas, muitas vezes, não somos valorizados na política pública.
Eu queria muito que um dia nós tivéssemos o corporativismo do bem que os advogados têm. Se um profissional de alguma outra categoria é indicado para ocupar qualquer cargo destinado a advogado, não toma posse — não toma posse! Em nosso caso, nós observarmos que não é assim.
Como disse a Deputada aqui, quantas vezes cargos em que seria primordial a formação do

arquiteto são ocupados por pessoas com outras formações?
Eu brinquei outro dia que aqui no Distrito Federal tiraram as prerrogativas dos cargos do diretor de aprovação de projetos — e não me refiro a projetos aleatórios não, mas a projetos de construção —, pois para ocupar esse cargo não precisava mais ser arquiteto e urbanista. Qualquer um poderia ocupar essa função, desde que houvesse arquitetos em sua equipe. Bastaria o diretor saber gerenciar o grupo para ordenar os espaços das cidades. E aqui no DF nós temos 31 regiões administrativas. Foi difícil mudar isso. Sem demérito nenhum às outras profissões, como uma pessoa que não tem formação vai coordenar um processo de aprovação das casas que serão construídas, as normas de uso e gabarito, os coeficientes de aproveitamento? Não vai ser possível fazer isso.
Mas nós ficamos aqui no Distrito Federal, pasmem os senhores e as senhoras, 3 anos e 8 meses praticamente sem essa obrigatoriedade. Isso é muito ruim para nós, porque as pessoas não sabem o quanto o nosso trabalho vai afetar diretamente a qualidade de vida das famílias.
Aqui também, para cuidar dos espaços públicos das cidades, nós temos a TERRACAP, uma empresa que é dona de todo o solo urbano e rural do Distrito Federal e que, muitas vezes, não valorizava o trabalho de um órgão que nós criamos aqui, o Instituto de Planejamento do Distrito Federal — IPDF, extinto por políticos que não entendiam a sua importância. Então, é muito difícil convencermos os gestores e os políticos da importância do trabalho do arquiteto e urbanista.
Aqui também, quando foi para nos incluir em outra alíquota para pagamento de impostos, foi difícil — foi difícil! E o CAU teve um papel fundamental nesse processo. E os demais deputados arquitetos que estão na Casa também tiveram papel fundamental. Houve Ministro querendo tirar daqui os arquitetos e urbanistas que estavam em plenário trabalhando. E nós batíamos boca com o Relator. Então, nós precisamos ficar atentos a isso. Nós precisamos nos valorizar para conseguirmos que os outros nos valorizem.
Eu sou suspeito para falar, porque sou arquiteto e urbanista, com muito orgulho, tenho o maior apreço pela nossa profissão e sei do valor que ela tem.
Já estou há 20 anos como político — 12 anos como Deputado Distrital, 4 anos como administrador e 4 anos como Deputado Federal — e acompanho o trabalho, sei das mazelas e das dificuldades da classe.
Hoje estamos comemorando o Dia Nacional do Arquiteto e urbanista e coincidentemente também é o Dia do Advogado.
Eu estava no CONIC com a Flávia Portela, arquiteta de Brasília, e ela brincava, dizendo que os advogados ficaram com inveja e colocaram o dia deles no mesmo dia que o nosso. Eu disse: *Flávia, nós também temos inveja, porque queríamos conseguir esse corporativismo do bem, por meio do qual todos soubessem a importância do nosso trabalho.* O nosso trabalho representa qualidade de vida para todos.
Hoje comemoramos também o aniversário do CAU. Então, queria parabenizar todos os CAUs do Brasil.
Vou falar sobre o Alberto, porque ele é do DF, uma pessoa que eu acompanho há muito tempo e já foi, inclusive, Presidente do CREA. Foi difícil para um arquiteto ser Presidente do CREA. À época, ele venceu preconceitos, não é Haroldo? Lembro-me de quando fazíamos panfletagem, e as pessoas nos questionavam. Mas agora nós temos o nosso Conselho. Quero parabenizá-lo pelo trabalho que fez, pela cota que deu ao Estado, quando ali esteve ocupando o cargo.
Parabenizo também o Haroldo por sua luta incansável. Muitas vezes, ele deixava de tomar conta do seu escritório —porque ele tem os seus projetos — para se preocupar com todos nós, com esse corporativismo do bem que todos nós queremos.
Queria de público, Haroldo, em nome dos arquitetos Deputados que não estão presentes — e parabenizo os autores do requerimento de realização desta sessão solene —, parabenizá-lo por esta luta e dizer que não vai ter como você se afastar. Por mais que outra pessoa tome a frente das nossas lutas, você vai ser sempre o nosso Aurélio, vamos dizer assim.

Outro dia eu falei para o meu filho sobre o Aurélio, ele nem sabia o que era, porque os jovens não sabem o que é, recorrem ao Google, e não existe mais o Aurélio. Você vai ser a nossa memória, Haroldo.
Quando dizem que escolhemos essa data em homenagem ao aniversário de nascimento de Oscar Niemeyer, é porque ele realmente é muito importante para nós. Para vocês verem, existe um jogo de perguntas e respostas chamado Master — quem tem filho adolescente em casa sabe o que é. Certa vez, caiu a seguinte pergunta: *Quem projetou Brasília?* Eu falei: *Opa, eu sei: Lúcio Costa.* Errado, no jogo estava escrito: Oscar Niemeyer. Olha que coisa maluca! E muita gente acha isso. Não são poucas as pessoas que pensam assim não. Eu fico feliz com a escolha do dia, porque temos que valorizar Niemeyer por tudo, pelo conjunto de toda a sua obra no Brasil, no exterior, no mundo inteiro, porque assim ele é valorizado. Mas temos de valorizar Lúcio Costa também, porque foi ele quem traçou o desenho de Brasília. Gostando ou não gostando, dizendo que é uma cidade assim ou assado, esta é a cidade que eu amo de coração.
Eu sou mineiro. Vim de Viçosa para cá com o sonho de ser arquiteto e urbanista. Fui gritar em uma feira, durante 6 anos, para me formar arquiteto e urbanista na UnB. Aqui eu pude ser gente, e não foi por conta da política. Aqui eu consegui me formar e constituir uma família. Aqui mora toda a minha família hoje. E é dessa forma que temos de gostar do espaço.
O espaço quem faz somos nós. Brasília — e aí eu peço desculpas — não é só a Esplanada. Eu fico muito triste, quando eu escuto nos Estados dizerem: *Mais um roubo em Brasília.Mais um ladrão preso em Brasília*. Assim, resumem Brasília à Esplanada e ao Congresso, como se Brasília só tivesse gente assim.
Eu fui há pouco ao Rio de Janeiro, e me perguntaram: *E lá, está cheio de ladrão ainda?* Eu disse: *Vários, inclusive os que vocês mandaram daqui para lá*. Aí a pessoa me perguntou: *Você está nervoso?* Eu disse: *Não, nem comecei a discussão ainda*. É muito fácil ter preconceito. E nós não aceitamos esse tipo de preconceito. Brasília é uma cidade que é muito mais que a Esplanada dos Ministérios, muito mais que este Congresso. Brasília tem 31 regiões administrativas, com uma população que rala, que trabalha e que vive. E essa Brasília toda faz parte do Distrito Federal. O Distrito Federal é o todo; Brasília é considerada como o Plano Piloto e algumas cidades que fazem parte do tombamento; outras, nem tanto.
A Deputada falou aqui sobre o tombamento, mas a coisa mais difícil de entender é a pessoa defender o tombamento, mas cercar os *pilotis*; diz que é defensora do tombamento, mas não quer que as crianças brinquem embaixo dos prédios. Isso é complicado, mas é do ser humano. Onde existe o ser humano tem dualidade, tem todo tipo de interpretação.
Eu não vou me alongar muito aqui não. Eu queria parabenizar todos. Hoje, à noite, nós teremos a posse da nova Diretoria do CAU-DF e do CAU Brasil também. Fico muito feliz e espero que nós possamos ocupar os nossos espaços. Nós não queremos reserva de mercado. Certa pessoa disse: *Ah, o CAU quer reserva de mercado!* Não, nós queremos apenas ser respeitados. É simples assim. Queremos respeito, porque respeitamos as demais profissões. Por que não respeitam a nossa? É simples assim. Como eu disse, quando falei da semeadura do Haroldo, se eu te respeito, acho que mereço o seu respeito também.
Todos os dias, há pessoas que querem, às vezes, avançar nas nossas atribuições, avançar no espaço da nossa profissão. Então, o meu recado é o de que eu me somo a este professor aqui, ao Prof. Alberto, aos demais que estão aqui na Mesa e a todos vocês, porque ser político é abrir portas também. Não precisa conhecer tudo.
Havia uma demanda um dia, eu fui ao CAU, falei com todos os outros conselheiros e disse que estou à disposição. O meu gabinete é o 572, no Anexo III. Quem quiser o cartão, eu tenho aqui e entrego na hora em que sairmos. Queremos trabalhar por política pública da família, como arquiteto e urbanista, para que os espaços públicos sejam melhores e todo mundo possa não só usar, mas também aprender o que representa aquele espaço público.

As pessoas, muitas vezes — eu fui administrador de cidade, o que corresponde a um prefeito no Estado de muitos aqui —, falam assim: *Administrador não é igual a Prefeito*. Mas as cidades pequenas daqui têm 80 mil habitantes — as menores. E a pessoa fala assim: *Isso não pode ser assim. É só abrir uma rua aqui. É só mudar essa destinação. Era isso? Vamos fazer dessa forma.* E a coisa não funcionada assim. O espaço público tem que ser respeitado.

Nós que trabalhamos com remoção de invasões e de favelas — chamem pelo nome que quiserem —, sabemos que há toda uma relação de vizinhança que deve ser preservada, apesar de que aquela população que vai ser colocada ali, que vai ocupar o espaço, nem sempre interage com o espaço do jeito que planejamos.

Às vezes, planejamos para ser de um jeito, mas a população se apropria de outro jeito. Isso aconteceu até com o Lúcio Costa, que, na 205 Norte, projetou que o comércio fosse voltado para dentro da quadra, o que não deu certo, e ele acabou se voltando para fora da quadra. Mas isso faz parte do processo, porque os donos da cidade são as pessoas que moram nela. Eu digo que quem sabe do que uma cidade precisa é quem mora nela.

Eu vou encerrar aqui esta minha fala, desejando a cada um e a cada uma um feliz Natal, um Natal santo e abençoado. Que todos façam o seu evento de Natal, a sua árvore de Natal bonita, com os símbolos do Papai Noel, mas, se tiverem um espacinho, botem um presépio lá. Ensinem ao seu filho e à sua filha o verdadeiro sentido do Natal, que éo nascimento do menino Jesus. E tirem 30 segundos da sua festa para fazer uma oração para agradecer ao Deus da vida, essa vida maravilhosa que nós temos. E que no ano de 2018 tenhamos muita saúde e paz.

Muita gente quer pedir dinheiro, fazer as mandingas relativas a dinheiro: passar a virada do ano de amarelo, pular não sei quantas ondas, mas se esquece de pedir saúde e paz. Tendo saúde e paz, do resto nós corremos atrás.

E que a nossa profissão, no ano de 2018, consiga, efetivamente, cada vez mais, fortalecer as nossas atividades, mas principalmente ser reconhecida como a profissão que é capaz de dar qualidade de vida a todas as pessoas que habitam o nosso planeta.

Obrigado a todos pela presença.

Alguém mais gostaria de falar alguma coisa que não foi falada aqui? Eu vou quebrar o protocolo. Não estou nem olhando para trás, senão eles vão me proibir de fazer isso. *(Pausa.)*

Então, eu agradeço a presença a cada um e a cada uma. Mais uma vez, agradeço a todos os que estiveram aqui presentes. Agradeço aos proponentes desta sessão em homenagem ao Dia Nacional do Arquiteto e Urbanista e do 6º aniversário do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil — CAU.

Obrigado a todos pela presença.

O SR. PRESIDENTE (Rôney Nemer. Bloco/PP-DF) - Está encerrada a presente sessão. *(Palmas.)*

(Levanta-se a sessão às 12 horas e 42 minutos.)